

Coleção Aventuras Grandiosas

Herman Melville

MOBY DICK

Adaptação de Ana Carolina Vieira Rodriguez

3ª edição

 EDITORA
RIDEEL

Capítulo 1









DESEJO DE VOLTAR AO MAR

Meu nome é Ismael. Trabalhei a vida inteira como marinheiro mercante. Gosto do mar, sou fascinado pela força e beleza das ondas. Sempre que fico muito tempo em terra, acabo tornando-me uma pessoa chata, **IRREQUIETA** e mal-humorada. Em alto-mar, fico mais próximo dos pássaros, do cheiro das algas e do azul do céu. É assim que me sinto livre. Além disso, o mar proporciona aventuras, algo com que eu não conseguiria viver sem. O trabalho de marinheiro nos obriga a enfrentar tempestades, ventanias, **CALMARIAS**, noites de muito frio e também de muito calor, nas quais o ar parado parece sufocar.

Foi por tudo isso e também pela falta de dinheiro, que começava a me incomodar, que resolvi voltar a navegar. Estava em terra havia bastante tempo e o vento soprando na **PROA** de um navio me dava saudade. Como sou marinheiro, navego com meus companheiros na proa, o local mais desprotegido do barco, onde convivemos com chuva, sol forte e ondas muito salgadas. Contudo, prefiro mil vezes esse local à **POPA**, onde se espremem o comandante, seus oficiais e, no caso dos navios mercantes, os passageiros.

Naquela época, uma coisa me **INSTIGAVA** mais do que tudo: a vontade de embarcar num navio **BALEEIRO**. Estava cansado de transportar passageiros em rotas conhecidas. Eu queria mais perigos, queria mares remotos, lugares **ERMOS**, cheios de mistérios. Pensava em encontrar canibais, conhecer terras exóticas e, principalmente, ficar cara a cara com as baleias. Aqueles monstros me fascinavam, me faziam ter vontade de rodar o mundo atrás deles.

Então, perseguindo meu sonho, deixei Manhattan e fui para New Bedford, uma antiga cidade portuária de onde saem muitos navios baleeiros. Era um lugar interessante, e meu desejo de conhecer coisas exóticas começou a ser **SACIADO** assim que cheguei. Andando pelas ruas era possível observar velhos marinheiros de mãos calejadas e rostos enrugados escondendo-se em tabernas para tomar rum e espantar o frio. Também vi camponeses de cidades próximas querendo deixar a lavoura e ir para o mar e, acreditem ou não, velhos canibais que agora caçavam baleias em vez de seres humanos. Era uma cidade simples,

-  **IRREQUIETA:** pessoa que nunca está sossegada, que não para nunca
-  **CALMARIA:** período com ausência de ventos
-  **PROA:** a parte da frente de uma embarcação
-  **POPA:** a parte de trás de uma embarcação
-  **INSTIGAVA:** estimulava, incitava, despertava interesse
-  **BALEEIRO:** navio próprio para a pesca da baleia, de popa baixa e proa elevada, também pescador de baleia
-  **ERMO:** solitário, desabitado, deserto
-  **SACIADO:** satisfeito



mas algumas casas grandes e **OPULENTAS** ao redor dos bairros mais altos mostravam que uma pessoa é capaz de enriquecer à custa dos oceanos.

Apesar de New Bedford ser um porto muito maior e famoso, eu desejava embarcar em um navio baleeiro de Nantucket, pois foi de lá que saíram os primeiros índios em busca de baleias. Quando fui pegar o pequeno barco que fazia a **TRAVESSIA** entre as duas cidades, um enorme desânimo me **ASSOLOU**. Já era noite e eu havia perdido o transporte. Um novo barco para Nantucket só sairia dois dias mais tarde. Eu tinha pouquíssimo dinheiro, estava com fome e com sono.

Perambulando sem saber ao certo para onde ir, entrei em algumas hospedarias, mas todas eram muito caras. Meu sexto sentido de marinheiro acabou por me levar até uma rua escura bem perto do porto, onde o cheiro do mar e a música das tabernas criavam um ambiente familiar e acolhedor. Logo vi uma placa escrita em letras brancas: **ESTALAGEM** da Baleia, de Peter Coffin. Um mau presságio passou pela minha espinha. Afinal, *coffin* significa caixão em inglês, que é a minha língua. Além disso, as letras brancas e brilhantes da placa pareciam me ofuscar os olhos, mesmo de noite. “Estranho”, pensei, “baleias são pretas, não brancas.” De qualquer maneira, percebi que lá era onde eu iria passar a noite. Meses mais tarde eu saberia que aquele era o primeiro sinal de que meu destino já estava traçado.

Capítulo 2

UM SUSTO NA ESTALAGEM DA BALEIA

Entre na estalagem e pude ver um grupo de marinheiros conversando, bebendo e jogando cartas. Falavam muito alto e davam gargalhadas. Nas paredes, como decoração, havia âncoras, remos, ossos de baleia e até arcadas de tubarão. Fui direto examinar uma gigantesca **ARCADA** de baleia que estava sobre o balcão, tentando levá-la para mais perto da luz.

— Cuidado, marinheiro — disse o dono do lugar. — Esta acabou de chegar dos mares do sul.

Desculpei-me por já ir pegando a **RELÍQUIA** sem pedir permissão e perguntei se havia vagas na hospedaria. O **ESTALAJADEIRO** foi atencioso, mas explicou:

— Infelizmente, estamos lotados e não posso lhe oferecer um quarto. Mas,



OPULENTA: rica

TRAVESSIA: ato ou efeito de atravessar uma região, um continente, um mar etc.

ASSOLOU: afligiu, agoniou

ESTALAGEM: pequena hospedaria

ARCADA: cada uma das estruturas recurvadas em arco, uma superior e outra inferior, formadas pelas coroas dos dentes

RELÍQUIA: coisa preciosa por ter valor material ou por ser objeto de estima e apreço

ESTALAJADEIRO: dono de uma estalagem





se não se importar, pode dividir a cama com o **ARPOADOR** que me trouxe estes dentes de baleia. É uma cama grande, caberiam até quatro pessoas.

— Acho que vou aceitar; afinal, estou **EXAUSTO** e com fome.

Nisso, um homem, que parecia o cozinheiro, gritou:

— Tem carne e batatas na panela. Alguém ainda vai querer?

Alguns marinheiros e eu dissemos que sim e nos sentamos para comer. Aquela comida quente e saborosa foi como um **BÁLSAMO** para o meu cansaço.

Depois de comer, comecei a ficar **APRENSIVO** em relação ao homem com quem teria de dividir a cama. “Como ele seria?”, pensei. Pedi a Peter Coffin um copo de rum e sentei-me perto do balcão para conversar.

— O arpoador ainda demora? — perguntei.

— Não sei — disse. — Ele sempre volta cedo, mas hoje deve ter tido dificuldades para vender suas cabeças.

— Cabeças??? — perguntei, arregalando os olhos de pavor.

— Como eu lhe expliquei, ele acabou de voltar dos mares do sul, de onde trouxe algumas cabeças mumificadas pelos nativos para vender. Hoje saiu para vender a última delas. Mas vamos até lá em cima — continuou o estalajadeiro. — Vou mostrar-lhe o quarto, pois sei que está cansado.

Um pouco nervoso, subi as escadas. O quarto era **AMPLO** e a cama, realmente grande. Havia uma prateleira e um baú. Ao lado da janela vi as coisas do arpoador enroladas num saco de lona, típico dos marinheiros, e um enorme arpão encostado na parede. Dei boa-noite ao dono da pensão, troquei de roupa e me deitei. Estava precisando dormir.

Mal apaguei a vela e a porta se abriu. Uma luz entrou pelo corredor e pude ver o tal arpoador entrar no quarto. Diante da figura humana que estava a minha frente, achei melhor ficar quieto e não me mexer. Meu coração batia rápido, uma onda de pavor invadia todo o meu corpo. O homem era muito alto e forte. Tinha o corpo inteiro tatuado, inclusive o rosto e a cabeça, que era quase toda raspada, só sobrando um pequeno penacho na parte de trás. A criatura acendeu uma vela, colocou uma cabeça mumificada de mulher em cima do baú (a tal que ele não devia ter conseguido vender), tirou os sapatos, a camisa e deitou-se ao meu lado. Antes de apagar a vela, acendeu um enorme cachimbo que, de longe, parecia uma vara de pescar. Ele colocou fogo numa ponta e começou a fumar aquilo do lado oposto. Quando ficou tudo escuro, não agüentei mais e gritei com todas as minhas forças:

- 🔍 **ARPOADOR:** aquele que arpoa
- 🔍 **EXAUSTO:** esgotado
- 🔍 **BÁLSAMO:** conforto, alívio
- 🔍 **APRENSIVO:** preocupado, receoso
- 🔍 **AMPLO:** com bastante espaço

— Socorro! Um canibal!

O arpoador pareceu ter se assustado mais do que eu. Puxou meu cabelo para o alto, imobilizando minha cabeça, e disse:

— Quem ser você? Vou matar se não dizer quem estar no meu cama.

Neste momento, o senhor Coffin entrou correndo, preocupado com os meus gritos. A claridade do corredor iluminou tudo lá dentro e o sujeito me soltou.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Peter Coffin, aflito.

— O senhor não me disse que ele era um canibal — reclamei.

— Pensei que tivesse entendido quando contei que ele veio de longe trazendo cabeças para vender — respondeu. — Agora parem com isso. Não se preocupe, Queequeg não vai lhe fazer mal.

O senhor Coffin fez um sinal com as mãos para o canibal, explicando que estava tudo bem. Ele também se acalmou.

— Pelo menos peça para ele apagar esse negócio fedorento — pedi.

Não foi preciso dizer nada. Queequeg entendeu meu pedido, que era quase uma **EXIGÊNCIA**, e colocou o cachimbo ao lado da cama. Depois do susto, acabamos dormindo um sono profundo e tranquilo. Acordei no dia seguinte com o rangido da porta se abrindo. Queequeg levantara antes de mim e já saía do quarto de posse do seu arpão.

Capítulo 3

UMA NOVA E VALIOSA AMIZADE

Quando desci para tomar café, encontrei Queequeg devorando pedaços suculentos de bife, que eram espetados e levados à boca pela ponta afiada de seu arpão. Ele baixou os olhos quando me viu. O senhor Peter Coffin chegou perto de mim e disse:

— Ele está envergonhado pela noite anterior. Não queria tê-lo ameaçado.

Aproximei-me do canibal e toquei em seu ombro.

— Agradeço por ter me deixado dormir em seu quarto — falei. — Foi muita **GENTILEZA**.

Um sorriso iluminou o rosto de Queequeg. Pude ver em seus olhos que era um homem de bem, não um selvagem perigoso, como pensara a princípio. Ele puxou uma cadeira e me convidou a partilhar de seu café da manhã, mas, como eu não estou acostumado a comer carne tão cedo, me satisfiz com um pedaço de pão com queijo acompanhado de uma xícara de café com leite e algumas gotas de rum, como bebem os marinheiros para se esquentar.



EXIGÊNCIA: pedido urgente



GENTILEZA: ação nobre, distinta ou amável





Depois de comer, saímos juntos para dar uma volta pela cidade. Queequeg falava mal o inglês, mas conseguíamos nos comunicar bem. Quando algo não ficava claro, usávamos gestos ou mímicas. De volta à estalagem, Queequeg me explicou que agora se considerava meu amigo e que amigos repartem tudo o que têm. Imediatamente colocou sobre uma mesa todas as moedas de prata que possuía e dividiu-as em duas partes iguais. Em seguida, presenteou-me com uma das partes. Como eu não queria aceitar, acabou por despejar as moedas em meu bolso. Depois fez questão de que eu fumasse do seu cachimbo e rezasse com ele diante de uma estatueta de barro que ele chamava de Yoho.

À noite, antes de irmos nos deitar, ele começou a me contar sua história. Nasceria em Rokovoko, uma ilha do sudoeste tão pequena que não aparece nem mesmo nos mapas **NÁUTICOS**. Era da segunda **GERAÇÃO** de uma família de reis. Seus parentes eram, em sua maioria, guerreiros corajosos, que tinham como dever **ZELAR** pela paz da ilha. Defendiam o território, suas esposas e filhos dos ataques oportunistas de exploradores, que arrancavam as belezas naturais do local para vender em mercados distantes.

Durante sua juventude, Queequeg passou a ter contato com baleeiros, que contavam muitas coisas interessantes sobre o mundo cristão. As histórias de aventuras trazidas por aqueles homens fizeram o jovem **ILHÉU** ter vontade de sair pelo mundo à procura de melhorias para o seu povo. Como sabia que seu pai não deixaria um futuro rei se arriscar em mares **BRAVIOS**, acabou se escondendo nos porões de um navio baleeiro que atracara na ilha e foi com ele para alto-mar. Quando o comandante o descobriu, quis levá-lo de volta, mas a **TRIPULAÇÃO** já tinha se acostumado com a ajuda de Queequeg, que desde pequeno tinha muita força. Dessa forma, o jovem filho de reis começou a ser arpoador, tornando-se um dos melhores que já existiram.

Depois de conversarmos mais um pouco, Queequeg me disse que tinha planos de embarcar em mais um navio baleeiro dentro de alguns dias. Trabalhando, sentia-se digno de, um dia, poder assumir o **CETRO** de rei e encher seu pai de orgulho. Não tinha aprendido coisas de muito valor

- 👁️ **NÁUTICO:** relativo à navegação
- 👁️ **GERAÇÃO:** o espaço de tempo (aproximadamente 25 anos) entre o crescimento de uma pessoa e o nascimento de seu filho
- 👁️ **ZELAR:** tomar conta de algo ou alguém com o máximo cuidado e interesse
- 👁️ **ILHÉU:** o natural ou habitante de uma ilha, insulano
- 👁️ **BRAVIO:** bruto; selvagem; bravo
- 👁️ **TRIPULAÇÃO:** o conjunto de pessoas que trabalha em uma embarcação
- 👁️ **CETRO:** bastão de apoio usado pelos reis e generais

com os homens cristãos. Ao contrário, a maioria era marcada por vícios, como o da bebida ou o do jogo. Ele só via pessoas se embebedando nas tabernas e gastando mais dinheiro do que tinham. Por tudo isso, queria, sim, voltar para sua ilha assim que pudesse.

Contei um pouco da minha história de marinheiro mercante e disse a ele:

— Também desejo embarcar num baleeiro.

Outro sorriso de satisfação encheu o rosto do meu amigo. Resolvemos embarcar juntos para Nantucket, no dia seguinte, à procura de um navio que nos aceitasse em sua tripulação. Depois do jantar, subimos para o quarto e tivemos mais uma noite de sono tranquilo, desta vez sem sustos.

Capítulo 4

À PROCURA DE UMA EMBARCAÇÃO






Quando chegamos a Nantucket, fomos procurar a Estalagem Try Pots, que era de um primo do senhor Coffin e muito conhecida por servir deliciosas **CALDEIRADAS** de peixe. Diante da entrada do lugar, tive outro mau presságio. O nome pots em inglês quer dizer panelas e por isso, na **FACHADA** da estalagem, eram exibidas duas enormes panelas de barro presas por duas **FORQUETAS** de um antigo **MASTRO** de navio. Aquelas forquetas pareciam mais duas **FORCAS**, uma para mim e outra para Queequeg.

— Não preocupar — disse meu amigo. — Comida ser boa.

— Você tem razão, Queequeg, deve ser bobagem minha. A travessia foi longa e precisamos descansar.

Comemos e dormimos muito bem. No dia seguinte, saímos em busca de uma embarcação que nos levasse para caçar baleias. O porto tinha muitos navios, mas somente três deles estavam aparelhados para viagens longas: o Devil-Dam, o Tit-Bit e o Pequod. Como Queequeg queria que eu escolhesse o navio no qual embarcaríamos, sugeri que entrássemos no Pequod para conhecê-lo. Antes, porém, tentei argumentar:

— Por que eu, Queequeg? Vamos escolher juntos. Não posso ter essa responsabilidade sozinho.

-  **CALDEIRADA:** guisados de peixe, feitos, em geral, com diversas espécies deles, e em caldeirão
-  **FACHADA:** entrada, frente
-  **FORQUETA:** pequeno gancho de ferro em forma de forca; forquilha
-  **MASTRO:** longa peça de madeira ou de ferro acima do convés que serve, principalmente, para sustentar a vela de uma embarcação
-  **FORCA:** instrumento para estrangular





— Yoho diz que você precisar decidir — falou-me, mostrando o santo de barro.

Percebendo que seria inútil convencer Queequeg de me acompanhar na escolha do barco e tendo simpatizado com o nome do Pequod, finalmente subi a bordo. Pequod era o nome de uma tribo indígena de Massachusetts e o navio, tal como os índios, parecia carregar rituais e história. Era antigo e construído com madeira muito forte. Seu **CASCO** era escuro e, ao **LEME**, fora adaptado um **MAXILAR** de **CACHALOTE**. O barco era inteiro decorado com ossos de baleias e desenhos de animais marinhos talhados no assoalho do **CONVÉS**. Parecia um enorme navio canibal. Fui falar com um senhor que estava sentado embaixo de uma tenda de lona montada na popa:

— Bom-dia — disse. — Gostaria de embarcar neste navio. O senhor é o capitão?

— Sou um dos donos, chamo-me Bildad e aquele é meu sócio, Peleg — afirmou o velhote, chamando o companheiro com um assobio.

Assim que o outro se aproximou, Bildad me perguntou:

— Por que quer embarcar?

— Quero caçar baleias e conhecer o mundo.

— Já matou baleias antes?

Diante da minha resposta negativa, os dois começaram a me **DISSUADIR**:

— Você conhece Ahab, o capitão deste navio? — perguntou Bildad.

— Ainda não, senhor.

— Pois saiba que é um homem **ENÉRGICO**, que exige disciplina. Para que você tenha ideia dos perigos que irá correr, saiba que o comandante Ahab não tem uma das pernas. Perdeu-a para os dentes de uma baleia.

Quando disse que insistia em embarcar, apesar de todos os **PERCALÇOS**, Peleg explicou que os marinheiros ganhavam comissões sobre o lucro da viagem. Minha porcentagem seria a mínima possível, já que eu só tinha experiência como marinheiro mercante. Depois de acertar os detalhes, perguntei se meu amigo Queequeg poderia ir também.

— Ele já matou baleias? — perguntou Bildad.

- 🐙 **CASCO**: corpo da embarcação
- 🐙 **LEME**: peça instalada na popa da embarcação, que serve para lhe dar direção, para governá-la
- 🐙 **MAXILAR**: cada um dos dois ossos em que se implantam os dentes superiores
- 🐙 **CACHALOTE**: mamífero de até 20 m de comprimento, presente em quase todos os mares. De grande porte, sua cabeça tem um terço do comprimento do corpo
- 🐙 **CONVÉS**: deque, pavimento a bordo
- 🐙 **DISSUADIR**: convencer alguém a desistir
- 🐙 **ENÉRGICO**: rigoroso
- 🐙 **PERCALÇO**: transtorno, dificuldade

— Dezenas delas — respondi.

— Mande-o subir a bordo — disseram os dois, quase ao mesmo tempo.

Quando viram Queequeg, Bildad e Peleg se assustaram.

— Não queremos um canibal a bordo. Isso, de jeito nenhum — reclamou Peleg.

Queequeg teve uma ideia para convencer os dois a deixá-lo embarcar.

— Eu mostrar como usa arpão no mar — disse.

Mirou seu arpão num pequeno barril vazio, jogado do lado oposto da embarcação, e falou:

— Aquele barril ser olho de baleia. Logo baleia vai ser morta.

Em seguida atirou, acertando em cheio o alvo de madeira que estava a metros de distância e no meio de cordas e garrafas. Admirados, Bildad e Peleg contrataram meu amigo pela mais alta comissão já paga a um arpoador do porto de Nantucket.

Capítulo 5

FINALMENTE, AO MAR

No dia do embarque da tripulação, Queequeg e eu fomos surpreendidos por um homem muito estranho escondido embaixo da escada que nos levava a bordo do Pequod.

— Têm certeza de que vão embarcar no Pequod? — perguntou.

— Vamos, sim. O navio parte em algumas horas — respondi.


Seu rosto era assustador, todo cheio de marcas de **VARÍOLA**, e sua voz tão rouca, que parecia vir do fundo de uma caverna.


— Pelo jeito, ainda não conheceram o capitão Ahab nem muito menos ouviram as profecias que falam sobre ele. Eu aconselharia que deixassem seus **TESTAMENTOS** prontos.

— Do que está falando, homem? — gritei, irritado.

— Deixem para lá. O que está escrito está escrito. As coisas não acontecem por acaso — terminou.

Queequeg quis correr atrás dele para ver se Yoho poderia entender alguma coisa daquilo tudo, mas o sujeito já ia longe. Aquela criatura horrorosa me causou um medo enorme, um pressentimento de morte que me acompanhou

 **VARÍOLA:** doença infecciosa causada por vírus, que evolui para a formação de pústulas, originando grandes cicatrizes

 **TESTAMENTO:** documento escrito autorizando a doação do patrimônio para alguma ou algumas pessoas depois da morte





o dia todo. Senti até mesmo a presença de vultos estranhos ao meu redor. Mas, apesar disso, **ZARPAMOS**.

Era Natal e o frio cortava nossa pele, gelando até os ossos. Num esforço conjunto, assim como deve ser um trabalho de equipe, levantamos a **ÂNCORA**, **IÇAMOS** as velas e afastamo-nos devagar do porto de Nantucket, deslizando pelo Oceano Atlântico. As famílias dos marinheiros se despediam no cais. Quando um navio baleeiro saía para uma viagem, precisava encher seus porões de óleo de baleia antes de retornar, o que poderia levar até três anos. Por isso ouviam-se choros e recomendações de boa viagem.

O navio estava sendo comandado por Starbuck, que era o primeiro **IMEDIATO**. O comandante Ahab ainda não tinha aparecido, permanecia **ENFURNADO** em seu camarote desde a noite anterior, quando tinha embarcado. Além de Starbuck, contávamos com Stubb, o segundo-oficial, e com Flask, o terceiro. Os arpoadores eram Queequeg, Tashtego, um índio que tinha orgulho de sua **VASTA** cabeleira, e Daggoo, um selvagem de pele negra com pouco mais de dois metros de altura. Os arpoadores eram todos muito fortes e **IMPONENTES**, enquanto os oficiais eram ágeis, responsáveis e inteligentes.

Durante os primeiros dias, enfrentamos muita chuva e frio, mas o tempo começou a melhorar à medida que nos aproximamos dos trópicos. Passaram-se semanas e o capitão ainda não tinha dado o ar de sua graça. Começávamos a ficar preocupados, pois achávamos que Ahab pudesse estar passando por alguma dificuldade em função da falta de uma perna. “O que seria de um navio sem comandante?”, pensávamos. No entanto, Starbuck nos garantiu que estava tudo bem.

Aos poucos, fui aprendendo muitas coisas sobre os tipos de baleia que estávamos procurando. Todas as baleias são mamíferos e soltam jatos d’água. Em geral, nadam em cardumes, embora possamos encontrar baleias solitárias. E, ao contrário dos outros peixes, têm sangue quente e pulmões. As baleias mais comuns são as chamadas “Baleias da Groenlândia”. São quase sempre pretas e muito grandes, por isso são também conhecidas por baleias negras ou baleias grandes. Delas extraímos o óleo de baleia mais conhecido, que serve como combustível em caldeiras e lamparinas. Mas é um óleo de qualidade

- 🐙 **ZARPAMOS:** partimos
- 🐙 **ÂNCORA:** peça de formato e peso especial amarrada a uma embarcação e que é jogada no fundo do mar para prender o barco, não deixando que ele saia do lugar
- 🐙 **IÇAMOS:** levantamos
- 🐙 **IMEDIATO:** oficial que se segue ao comandante, na cadeia de comando de um navio, e o substitui na sua ausência ou nos seus impedimentos
- 🐙 **ENFURNADO:** trancado, escondido, enfiado
- 🐙 **VASTA:** grande
- 🐙 **IMPONENTE:** majestoso, arrogante, altivo

inferior, se comparado ao **ESPERMACETE** extraído de um outro tipo de baleia, o cachalote. Como podemos aproveitar o espermacete e também o próprio óleo do couro, o cachalote acaba tendo um valor comercial muito maior que o da baleia negra. O cachalote é o único tipo de baleia que possui dentes. São dentes grossos, em forma de cones, com dez centímetros de comprimento, presentes apenas no maxilar inferior. Além disso, não é uma baleia mansa como as outras. Quando o cachalote é perseguido, **REVIDA** os ataques e aterroriza os pescadores. Mas, em função dos lucros que ele proporciona, muitos se arriscam na sua caça.

Eu passava a fazer parte de um grupo de marinheiros diferentes dos que eu conhecia. Éramos matadores de baleia e eu não via a hora de ficar frente a frente com uma delas.

Capítulo 6

O VERDADEIRO MOTIVO DA VIAGEM

Um dia, logo depois do almoço da tripulação, todos levaram um susto. O capitão Ahab surgiu do seu camarote como se saísse das trevas. Aquela figura imponente e forte nada se parecia com o **ENFERMO** que eu imaginava. Tinha uma perna **MOLDADA** com osso de baleia, a qual apoiava num buraco feito no assoalho do navio especialmente para isso. Era moreno e tinha uma cicatriz no rosto. Olhou para todos os lados do Pequod e ordenou, com uma voz calma e tranquila:

— Quero todos reunidos na popa, até mesmo o **TIMONEIRO**.

Quando a tripulação inteira estava na popa a ponto de o barco ficar um pouco curvado para trás, o capitão começou:

— Como anda a vigília às baleias? — perguntou.

— Fazemos turnos de quatro em quatro horas, comandante — respondeu Starbuck.

— Alguma baleia já foi avistada, mesmo que de longe? — continuou.

— Ainda não, senhor — responderam muitos homens ao mesmo tempo.

O capitão começou, então, a elevar o tom de voz. Seu discurso fez aumentar a atenção dos marujos e passou a **EMPOLGAR** a tripulação de forma contagiante.

- 🐳 **ESPERMACETE:** substância gordurosa presente nas cavidades da cabeça dos cachalotes, com que se fabricam velas; também chamado de cetina
- 🐳 **REVIDA:** responde, contesta, replica
- 🐳 **ENFERMO:** doente
- 🐳 **MOLDADA:** feita, ajustada
- 🐳 **TIMONEIRO:** aquele que governa o timão de um barco, o homem do leme
- 🐳 **EMPOLGAR:** entusiasmar





— Pois eu quero que todos, todos, sem exceção, fiquem atentos para não deixar passar nem sinal de uma baleia branca sem dar o alarme. Estão vendo esta moeda de ouro? — perguntou, exibindo uma moeda grossa e brilhante nas mãos. — Pois ela será do primeiro que me assinalar a baleia branca.

Em seguida, pregou a moeda no mastro do navio e disse:

— É uma baleia enorme, de testa enrugada e jato d'água **ESPESSO**. Tem ferros retorcidos cravados no seu couro, herança de muitos que já tentaram matá-la.

— É Moby Dick! — exclamou Queequeg, que já havia encontrado a baleia em outras viagens.

Ahab então gritou, descontrolado de emoção:

— É ela, a baleia assassina! Moby Dick, o monstro que me deixou aleijado para sempre! Preciso da ajuda de vocês, marinheiros, para encontrá-la e matá-la!

Starbuck intercedeu bem na hora:

— Se me permite, capitão, embarcamos em Nantucket com o objetivo de levar óleo de baleia aos donos do Pequod. Não acho que devemos fazer desta viagem uma jornada de vingança. A baleia é um ser irracional, comandante; atacou-o para se defender, guiada por instinto.

— Meu caro Starbuck, você fala isso porque não está condenado a se equilibrar num osso de baleia para o restante da vida. Se lhe falta coragem para enfrentar o grande monstro branco, diga. Vocês todos embarcaram para achar essa maldita baleia. Quero saber quantos vão me ajudar nessa caça!

O que se seguiu foi um verdadeiro espetáculo. Ahab mandou que todos se servissem de rum à vontade e brindassem pela **ÂNSIA** de encontrar Moby Dick.




— Morte a Moby Dick! Morte a Moby Dick! — juraram todos, inclusive eu, embriagados e enfeitiçados pelas palavras do capitão.

A única exceção foi Starbuck, que baixava a cabeça cada vez que gritávamos mais alto.

Capítulo 7

EM BUSCA DO GRANDE MONSTRO BRANCO

Eu mesmo, quando trabalhava em navios mercantes, já tinha ouvido falar de Moby Dick. No início, pensava que fosse uma lenda, mas Queequeg me contou muitas coisas sobre a baleia branca. Além de ser diferente dos outros cachalotes por ter a cabeça toda enrugada e a cor alva, acreditava-se que ela tinha o poder da **BILOCAÇÃO**. Muitos diziam

-  **ESPESSO:** grosso, denso
-  **ÂNSIA:** grande desejo
-  **BILOCAÇÃO:** estar em mais de um lugar ao mesmo tempo

que ela aparecia em todos os mares ao mesmo tempo e que era imortal. Nem todos os navios baleeiros tentam matar cachalotes, pois, como eu já disse, são muito perigosos. Mas aqueles que se arriscam e que já se depararam com Moby Dick contam que a baleia é ainda mais violenta que as da sua espécie. Muitos já assistiram a companheiros pescadores serem mortos por seus golpes **TRAIÇOEIROS**.




Fiquei sabendo que o capitão Ahab e sua tripulação foram uma vez arrastados por Moby Dick para dentro de um turbilhão de água. A baleia batia com toda a força na superfície, utilizando o corpo gigantesco e a cauda, virando os baleeiros e arrastando a maioria dos homens para o fundo do mar. O capitão Ahab conseguiu se agarrar ao couro do animal e tentou esfaqueá-lo, mas o monstro branco mergulhou rapidamente, levando consigo uma perna do comandante. Ahab foi resgatado pelo navio e delirou de dor até chegarem ao porto.

Vários pescadores diziam que o capitão havia enlouquecido depois daquele episódio, mas, louco ou não, Ahab conseguira convencer todos nós a vingá-lo. Talvez nos sentíssemos um pouco heróis. Talvez a possibilidade de vingar o capitão desse mais sentido às nossas vidas. Se matássemos Moby Dick, ficaríamos famosos nos sete mares.

Porém, passados alguns dias, começaram a surgir rumores sobre a insanidade do capitão. Além de matar Moby Dick, precisávamos de dinheiro, queríamos matar baleias e vender seu óleo depois. Ahab, como era extremamente esperto e **PERSPICAZ**, percebeu a situação e anunciou que iríamos atrás de baleias e cachalotes. Queria sua tripulação feliz e ocupada.

Mesmo trabalhando como um navio baleeiro comum, todas as manobras ordenadas pelo comandante eram **MINUCIOSAMENTE** planejadas para que o Pequod atingisse a estação-da-linha, um local no Oceano Pacífico, próximo à linha do Equador, na época do verão dos trópicos. Era lá que ele havia enfrentado Moby Dick quando perdeu a perna e era lá que planejava encontrá-la novamente. Passava as noites estudando a direção das correntes marítimas e os hábitos dos cachalotes. Tinha certeza de que iria se deparar com o tão temido monstro no Natal seguinte.

Percorremos todo o Atlântico, sempre rumo ao sul. Cruzamos o temível Cabo Horn, onde a Argentina e a América acabam, e velejamos pelo Pacífico, subindo em direção ao mar do Japão. Aos poucos, aprendi as técnicas de matança das baleias. Quando uma ou mais baleias eram avistadas, cada oficial baixava seu baleeiro ao mar. Eram barcos bem menores que o Pequod com os

-  **TRAIÇOEIRO**: traidor
-  **PERSPICAZ**: observador, inteligente
-  **MINUCIOSAMENTE**: detalhadamente



quais nos aproximávamos das **PRESAS**. Remávamos com toda a força e, quando era possível, o arpoador atirava na baleia, que saía em disparada pelo mar em função da dor causada pelo arpão. A corda do arpão esticava e, num tranco, éramos então **REBOCADOS** pelo monstro, que ia arrebetando o mar e sangrando tudo à nossa frente. Quando ela cansava, diminuía a velocidade. Então remávamos de novo para chegar bem perto dela e para que os oficiais acabassem de matá-la com suas lanças afiadas. Eram **DESFERIDOS** inúmeros golpes cruéis contra seu couro, que acabava por deixar um rastro de sangue no mar.

Capítulo 8 OS PRIMEIROS CACHALOTES

Era um dia de céu encoberto. O mar tinha uma cor cinza e o vento quase não soprava. De repente, Tashtego, que estava de plantão, gritou bem alto:

— Cachalotes! São muitos! A poucos metros!

O barco, que antes estava **APÁTICO**, passou a ter vida. Três baleeiros foram levados ao mar e, em cada um deles, entraram seis tripulantes: o arpoador, que ficava na proa, o oficial, navegando na popa, e quatro remadores. Quando todos já estavam remando com força em direção aos cachalotes, ouvimos mais um baleeiro descer do Pequod e bater na água. Olhamos para trás e vimos o próprio capitão Ahab no comando de seu baleeiro, acompanhado de um enorme arpoador negro e quatro remadores parecidos com índios selvagens. O arpoador vestia uma **TÚNICA** branca, usava um grande **TURBANTE** e tinha um olhar diabólico. Ahab gritava seu nome:








— Fedallah, prepare-se! Vamos matar esses monstros aí na frente!

Rapidamente, o barco de Ahab ultrapassou os outros, mostrando a força e a vitalidade da tripulação **CLANDESTINA** do comandante. O capitão nem parecia ser um mutilado, pois os ajudava a remar compulsivamente.

— Quem são esses homens? — perguntou Stubb para Starbuck e Flask.

Não tinham tempo para conversa, por isso Starbuck apenas comentou:

— Isso não está me cheirando bem. Esses clandestinos embarcaram sem o conhecimento de ninguém e foram escondidos pelo capitão.

-  **PRESA:** coisa, animal ou pessoa apreendida com violência
-  **REBOCADO:** puxado, arrastado
-  **DESFERIDO:** dado, aplicado
-  **APÁTICO:** sem energia, indiferente
-  **TÚNICA:** vestido ou casaco longo, ajustado ao corpo
-  **TURBANTE:** pano ou lenço enrolado na cabeça
-  **CLANDESTINA:** ilegal, feita às escondidas

— Isso está com cheiro de baleia branca — acrescentou Flask.

Continuamos a remar em direção aos cachalotes. Quando chegamos onde estava o cardume, as baleias mergulharam, pois certamente sentiram nossa presença. Ficamos em silêncio, os arpoadores prontos para atacar. De repente, a água se agitou com força e diversos cachalotes saíram nadando em direções contrárias. Meu barco, comandado por Starbuck, seguiu em direção ao jato d'água de um deles. O tempo estava piorando, nuvens negras e raios enfeitavam o céu. Starbuck ordenou:







— Remem, marujos! Vamos pegar o monstro antes da chuva!

Percebemos que uma outra baleia nos seguia, mas continuamos a nos aproximar da primeira. Quando estávamos praticamente ao lado dela, Queequeg ficou em pé e lançou seu arpão com vigor. Nisso, a baleia que nos perseguia conseguiu nos alcançar, **ABALROANDO** o barco e enchendo-o de água. O cachalote arpoado conseguiu fugir, tinha apenas se machucado de raspão. A chuva desabou violentamente e, por sorte, o baleeiro ainda estava inteiro.

Olhamos em volta e não vimos nem sinal do Pequod e dos outros barcos. A noite caiu, o vento aumentou e o céu ficou repleto de uma **NÉVOA** fina. Starbuck, que levava alguns fósforos dentro de um saco plástico, acendeu uma lamparina. Nossos corpos doíam por causa do esforço físico e temíamos não ser encontrados no meio do nevoeiro.

Quando alguns já deixavam o sono chegar, fechando os olhos mesmo sentados, avistamos o Pequod em nossa direção, a toda a velocidade. O vento soprava forte e as velas vinham cheias no meio da noite. Estava claro que o timoneiro não nos enxergava e também que não havia tempo para desviar. Mergulhamos todos na água, apavorados, e assistimos ao navio passar por cima de nosso baleeiro, que apareceu quase **INTACTO** na popa depois de alguns instantes. O impacto chamou a atenção do timoneiro. Fomos **RESGATADOS** sãos e salvos.

Os outros baleeiros haviam desistido dos cachalotes quando caiu a **BORRASCA** e tinham retornado ao navio. Contaram que não guardavam mais esperança de nos encontrar com vida e velejavam em busca dos **DESTROÇOS** do naufrágio. O que mais me impressionou foi que, depois de alguns minutos, ninguém falava mais no assunto, por isso perguntei a Queequeg:

-  **ABALROANDO:** chocando-se com, colidindo, batendo
-  **NÉVOA:** bruma
-  **INTACTO:** sem danos
-  **RESGATADOS:** salvos
-  **BORRASCA:** tempestade no mar
-  **DESTROÇO:** destruição, resto

— Coisas desse tipo acontecem sempre?
Ele respondeu **ASSENTINDO** com a cabeça e não deu muita atenção para mim.
Um frio na espinha se espalhou por todo o meu corpo.

Capítulo 9 FANTASMAS EXISTEM?

Logo os homens embarcados de forma ilegal pelo capitão foram aceitos pela tripulação. Não havia muito o que fazer e, no mar, todos acabam se ajudando. Somente Fedallah permaneceu **ALHEIO** a tudo e a todos. Ahab, no entanto, parecia respeitá-lo de forma exagerada e agia como se devesse obediência a ele. Sua figura, **ALTIVA**, gigantesca e com um dente solitário sempre aparecendo entre os lábios, metia medo em qualquer um. Acharmos melhor não nos aproximar muito dele, mas os oficiais nunca entenderam como um selvagem daqueles poderia **INTIMIDAR** o valente capitão Ahab.





Depois da primeira caçada aos cachalotes, passamos dias sem avistar uma baleia. Na semana seguinte, voltamos para o Atlântico. Navegamos pelo largo de Açores, Cabo Verde, bacia do Prata e fomos ao sul da ilha de Santa Helena, onde começaram a acontecer coisas estranhas. Como estávamos havia várias semanas sem pescar, havíamos decidido que faríamos plantões noturnos. A lua estava cheia, o que nos ajudava a avistar baleias. Foi numa dessas noites que Fedallah gritou:

— Cachalotes! Já consigo ver os jatos! Bem na frente... cachalotes!

Como ainda estávamos um pouco longe deles, resolvemos nos aproximar com o próprio navio, mas quanto mais içávamos as velas e ganhávamos maior velocidade, mais os cachalotes se afastavam. Até que os perdemos de vista. Nas noites seguintes, aconteceram coisas semelhantes. Avistávamos as baleias e saíamos em disparada, mas elas desapareciam antes de conseguirmos alcançá-las. Queequeg consultou Yoho e acabou causando medo na tripulação quando decidiu contar o que seu santo havia dito.

— Moby Dick ser fantasma, querer matar Pequod.

O medo de Moby Dick estar nos levando a mares longínquos a fim de nos matar passou quando avistamos o Cabo da Boa Esperança, no extremo sul do continente africano. A baleia tinha realmente nos conduzido para um lugar perigoso, pois ele é também conhecido como Cabo das Tormentas,

-  **ASSENTINDO:** concordando
-  **ALHEIO:** distante, afastado
-  **ALTIVA:** arrogante, elevada, presunçosa
-  **INTIMIDAR:** causar medo



mas agora precisávamos trabalhar para manter o Pequod navegando. As ondas gigantes batendo na proa exigiam um esforço redobrado da tripulação. O trabalho nos deixava cansados e sem tempo para pensar em fantasmas.

Em meio ao agitado mar do sul da África, cruzamos um navio baleeiro chamado Albatroz. Foi uma verdadeira alegria quando a embarcação apareceu. Quase todos os navios baleeiros, quando saem para a pescaria, costumam ficar muito tempo em alto-mar sem nunca **ATRACAR**. Levam os porões cheios de água cristalina e de alimentos para não perderem tempo em portos desconhecidos. Quando encontram outro navio, fazem festas, visitam uns aos outros e bebem com os companheiros de profissão.

Infelizmente, as condições do mar não permitiam tais comemorações, mas o capitão do Albatroz fez questão de se aproximar o máximo possível para falar com o comandante Ahab. Logo que o Albatroz apareceu, Ahab se posicionou na **AMURADA** do Pequod a fim de se comunicar com o outro navio. Pegou o **MEGAFONE** e perguntou a plenos pulmões:

— Vocês viram a baleia branca?

— Sim, estava no Pacífico! O monstro destruiu um de nossos baleeiros e matou o oficial que o conduzia — respondeu o outro comandante.

Ahab estremeceu; queria ter mais informações:

— Vocês a mataram? — perguntou **TEMEROSO**.

— Impossível, a maldita é imortal.

O capitão sentiu um alívio, tanto por perceber que estava no caminho certo quanto por acreditar que Moby Dick logo seria morta por suas próprias mãos. Os barcos foram então obrigados a se afastar em função do mar agitado. Os marinheiros acenaram e cada navio seguiu seu caminho.

Capítulo 10

UM TIPO DE FANTASMA

Depois das tormentas no Cabo da Boa Esperança, velejávamos tranquilos, rumo às ilhas Crozet. Estávamos agora no Oceano Índico. Durante dois dias, atravessamos os chamados campos de brit, um tipo de pastagem amarelada na superfície da água que serve de alimento às Baleias da Groenlândia. Avistamos algumas baleias, mas, como estávamos mais interessados nos cachalotes, cujo óleo tinha maior valor comercial, decidimos deixá-las em paz.



ATRACAR: encostar no cais, amarrar uma embarcação à terra



AMURADA: borda da embarcação



MEGAFONE: objeto utilizado para ampliar a voz



TEMEROSO: amedrontado





Háviamos nos esquecido por completo do **SUPOSTO** fantasma de Moby Dick, quando outra coisa **SINISTRA** aconteceu. Numa bela manhã em que o sol iluminava até a linha do horizonte, Daggoo anunciou:

— É a baleia branca! Bem em frente, olhem!

O capitão Ahab, louco de impaciência, mandou baixar os baleeiros e seguiu à frente com o seu. Quando chegamos perto do monstro, uma mistura de espanto e nojo tomou conta de todos nós.

O que estava ao nosso lado era uma criatura branca, mole, quase gelatinosa que cobria uma grande faixa do mar. Tinha tentáculos, mas não tinha rosto nem cabeça. Era, na verdade, uma rara lula gigante.

Voltamos para o Pequod. Ahab e Starbuck não conseguiam disfarçar o mal-estar que sentiam. Eram os únicos que já tinham ouvido falar daquele fantasma.

— É o grande Squid vivo — explicaram. — Dizem que é sinal de mau **AGOURO**, quem o vê não volta mais a pisar em terra.

Lembro-me de escutar Flask reclamando:

— Preferia ter lutado cara a cara com Moby Dick a ter visto aquela coisa.

Queequeg, conhecedor dos mares, foi o único que não se deixou abalar. Lembrou que o cachalote, por ser a única baleia a possuir dentes, se alimentava de pedaços soltos dos tentáculos do Squid.

— Não ser mau agouro, ser sinal de cachalote — disse, animado.

E logo comprovamos que Queequeg estava certo. No dia seguinte, um grande e solitário cachalote foi avistado a poucos metros do Pequod. Não sei se por vontade de matar ou se por necessidade de espantar os **AUGÚRIOS** do dia anterior, baixamos os baleeiros com mais vontade e rapidez que das outras vezes. Em pouco tempo, cercávamos a baleia, que imediatamente mergulhou, deixando o mar calmo e os homens em silêncio, preparados para atacar a qualquer momento. De repente, Stubb gritou:

— Agora, Tashtego, arpoar!

Um eco da voz de Stubb saiu pelo ar, o cachalote saltou para fora d'água e recebeu um arpão cravado no couro na mesma hora. Tashtego foi **CERTEIRO** e o baleeiro de Stubb saiu a toda a velocidade pelo mar, puxado pelo cachalote que se debatia preso ao arpão. Assistimos de longe quando a baleia diminuiu a velocidade, os marinheiros remaram em direção a ela e o oficial trocou de lugar com o arpoador. Agora na proa, Stubb enfiava sua lança sem piedade no couro do cachalote, fazendo força para atingir o coração do animal. O mar, cada vez

- 🐙 **SUPOSTO:** hipotético, fictício
- 🐙 **SINISTRA:** ameaçadora, temível
- 🐙 **AGOURO:** presságio de coisa má
- 🐙 **AUGÚRIO:** mau prognóstico, agouro
- 🐙 **CERTEIRO:** bem dirigido, acertado

mais revolto pela luta entre a fera e o oficial, só se acalmou quando um rastro de sangue grosso finalmente manchou as águas, enchendo os marujos de satisfação.

Capítulo 11

O ESQUARTEJAMENTO

Depois de ter matado o cachalote, Stubb pediu nossa ajuda para amarrá-lo nos baleeiros e rebocá-lo até o Pequod. Infelizmente, não havia vento e o navio não conseguia se aproximar de nós. Quando finalmente chegamos e **ATRELAMOS** o grande animal morto ao **COSTADO** do Pequod, já era noite. A baleia foi fixada ao navio por cordas e correntes. A própria gordura do seu corpo fazia-a boiar depois de morta, por isso ficava só com a metade do corpo dentro d'água. Estávamos exaustos e resolvemos deixar o trabalho de **ESQUARTEJAR** o bicho e fabricar o óleo para o dia seguinte.

De manhã, o cachalote foi suspenso um pouco mais por cordas fixadas em **ROLDANAS** presas ao mastro. O navio **ADERNOU** fortemente e a baleia foi descascada como se descasca uma fruta. O seu corpo gigante girava pela força da **TRAÇÃO** e os pedaços de couro iam sendo atirados ao convés. Depois disso, a cabeça foi cortada e levada a bordo, e o resto do corpo foi atirado aos tubarões.

A capa de gordura arrancada do couro foi então fervida em enormes caldeirões apropriados para isso. O óleo obtido da fervura foi armazenado em barris e mantidos nos porões do Pequod. Depois de todo o trabalho cansativo, ainda tivemos de esfregar o convés para que a mistura de sangue e gordura se soltasse do **MADEIRAME**.

No dia seguinte, as ordens do capitão surpreenderam todos. Como tínhamos entrado novamente num campo de brit, logo avistamos um cardume de Baleias da Groenlândia. Ahab mandou:

— Desçam os baleeiros. Vamos caçá-las.

Nosso propósito era caçar cachalotes, mas **ACATAMOS** as ordens e capturamos uma enorme baleia negra. Quando nos aproximamos do Pequod, Ahab continuou a nos causar espanto.



ATRELAMOS: prendemos



COSTADO: forro exterior do casco da embarcação



ESQUARTEJAR: cortar em pedaços, despedaçar



ROLDANA: mecanismo formado por um disco que gira em torno de um eixo central, em cuja circunferência passa uma corda



ADERNOU: inclinou



TRAÇÃO: ação de uma força que desloca objeto móvel por meio de corda



MADEIRAME: assoalho de madeira



ACATAMOS: obedecemos





— Cortem a cabeça dela e tragam-na a bordo. Deixem o resto no mar.
 — Está certo que o óleo da baleia negra é pior que o do cachalote, mas por que desprezá-lo? — comentou Stubb, indignado.

— Não estou entendendo mais nada — continuou Flask. — Da cabeça do cachalote tiramos o espermacete, mas o que vamos fazer com uma cabeça de Baleia da Groenlândia?

Starbuck foi pedir explicações ao capitão e voltou para perto dos oficiais, resmungando:

— Fedallah quer amarrar uma cabeça de cachalote a **ESTIBORDO** e outra de baleia negra a **BOMBORDO**. Acredita que assim o navio nunca afundará — disse.

— Esse bruxo está quase mandando no capitão. Era o que faltava; agora estamos caçando baleias para satisfazer as superstições desse sujeito — concluiu Stubb, apoiado por Flask.





Capítulo 12 DUAS ENRASCADAS

Logo o Pequod saiu navegando com duas cabeças presas ao casco. Adiamos o trabalho de tirar o espermacete do cachalote para o dia seguinte, pois a maior parte da tripulação tinha passado o dia na matança da baleia negra.

Quando amanheceu, os rituais começaram. Para se ter uma ideia da quantidade de espermacete que tínhamos de extrair, cada cachalote abriga cerca de quinhentos galões dessa substância, que é gelatinosa, pura, muito limpa e acondicionada em uma espécie de tonel, na cabeça da baleia.

Tashtego precisou subir no **COCURUTO** do animal e abrir um grande buraco nele com uma **PICARETA**. Em seguida, fazia um balde amarrado a uma corda descer até o espermacete e avisava os outros marinheiros para puxá-lo cheio com a ajuda de duas roldanas. O difícil era se equilibrar sobre a cabeça do mamífero, pois o couro era muito gorduroso e escorregadio.

Quando quase todo o espermacete já estava no convés, uma das cordas, que prendia a cabeça do cachalote ao casco, se soltou. Tashtego escorregou e acabou mergulhando no buraco que ele mesmo fizera. Jogaram

-  **ESTIBORDO:** o lado direito da embarcação
-  **BOMBORDO:** o lado esquerdo da embarcação
-  **COCURUTO:** topo da cabeça
-  **PICARETA:** instrumento de ferro, de duas pontas, usado para escavar

uma corda para ele, mas a cabeça pendeu para o lado e foi impossível alcançar a abertura do buraco onde estava o arpoador. Naquela hora, a outra corda arrebentou. A cabeça caiu no mar, carregando Tashtego junto com ela. Em menos de dois segundos, ouviu-se outro mergulho. Era Queequeg, que pulara na água para salvar o amigo.

Houve um minuto de pânico e silêncio entre os tripulantes, quando Daggoo gritou:

— Ele conseguiu! Queequeg salvou Tashtego!

Tiveram de reanimar o índio de cabelos longos, que engolira água e estava desacordado. Queequeg conseguira abrir um buraco maior no topo da cabeça do cachalote, usando uma faca afiada, e puxou o amigo lá de dentro. Depois nadou até o navio carregando-o consigo. Recebeu palmas dos marujos. Fedallah fechou a cara, pois o Pequod havia perdido um dos **AMULETOS**; agora só tinha a cabeça da baleia negra a bombordo.

Semanas se passaram depois disso sem que víssemos um cachalote. A essa altura, já estávamos cruzando o Estreito de Sonda, entre Java e Sumatra, na Oceania. Quando, numa manhã ensolarada, Daggoo deu o alarme avisando sobre um cardume de cachalotes ao norte, baixamos os baleeiros quase ao mesmo tempo.

Remamos até perto deles e esperamos o melhor momento para Queequeg arpoar. Acontece que, de repente, uma corda caiu acidentalmente no mar, prendendo-se na cauda de uma baleia. Agindo por instinto, o cachalote acabou por nos conduzir até o centro do cardume. Ficamos **ENCURRALADOS**. Aquelas feras de dentes afiados nadavam agitadas, prontas para virar nosso baleeiro. O pavor tomou conta de nós; prendíamos a respiração, com medo de que qualquer movimento mais **BRUSCO** as enraivecesse.

A situação piorava a cada instante. Podíamos prever a hora de sermos esmagados por aqueles monstros. Queequeg e Starbuck, que eram os mais experientes, tomaram a iniciativa de dar pequenos tapas nos focinhos dos cachalotes. Corriam o risco de ficar sem as mãos, mas era a única saída.

Finalmente, o cardume resolveu se afastar. Aos poucos, cada um deles saiu nadando para longe e um suspiro de alívio foi dado por cada marinheiro quase ao mesmo tempo.



AMULETO: objeto que alguém traz consigo ou guarda por acreditar em seus poderes mágicos de afastar desgraça



ENCURRALADO: sem saída, preso por todos os lados



BRUSCO: repentino, imprevisto, violento

Capítulo 13 QUEEQUEG FICA DOENTE

Àquela altura da viagem, já estávamos perto de Formosa, no Oceano Pacífico. A tripulação preocupava-se com a caça às baleias, mas Ahab só pensava em fazer os cálculos mais precisos para estarmos na estação-da-linha perto do Natal.

Quando um navio baleeiro inglês, o Samuel Enderby, cruzou nossa rota, o comandante Ahab logo quis saber notícias de Moby Dick. Com pressa, não permitiu que as tripulações se visitassem. Perguntou através do megafone:

— Viram a baleia branca?

O comandante do outro navio apenas levantou o braço esquerdo, substituído por um osso de cachalote. Foi o que bastou para Ahab lançar seu baleeiro ao mar e ir sozinho ao outro navio investigar sobre sua baleia inimiga.

— Foi ela? — perguntou assim que chegou.

— Sim, foi no ano passado, na estação-da-linha. Eu tinha matado um cachalote e levava-o junto ao baleeiro, quando um enorme monstro branco surgiu, destruiu meu barco e me arrastou com ele. Quando escorreguei do seu couro e caí na água, tive o braço **DECEPADO** pelo **FIO** de um arpão preso em seu lombo — contou o comandante.

Ahab mal conseguia conter sua ansiedade.

— Vocês a mataram? — perguntou, quase sem voz.





— Ela é maligna, capitão. Deixamos que fosse embora. Além disso, quase morri de infecção e dou graças a Deus por estar vivo. Não quero me meter com aquela **ABERRAÇÃO** da natureza.

— Não se preocupe, amigo. Vou vingar nós dois. Aquele gigante maldito irá pagar por esses dois **ALEIJÕES** — disse, apontando para sua perna e o braço do comandante do Enderby.

Com tanto alvoroço por causa do navio inglês, nem percebemos que Queequeg começara a agir de modo estranho. Havia parado de comer fazia dois dias e passava os dias sentado na proa observando o mar, imóvel. Tentei conversar com ele, mas Queequeg não respondia. Falava apenas com Yoho em sua língua selvagem. Uma hora, tomado pelo cansaço, meu amigo disse:

— Queequeg vai morrer. Não ficar triste, é natural.

Inconformado, disse que ele precisava reagir, mas tudo o que me pediu foi que chamasse o carpinteiro de bordo.

-  **DECEPADO**: cortado, mutilado, arrancado do corpo
-  **FIO**: lâmina cortante
-  **ABERRAÇÃO**: defeito, anomalia, monstro
-  **ALEIJÃO**: deformidade, defeito físico



— Quanto custa caixão? — perguntou.

Dado o preço, Queequeg pagou com moedas de prata e o carpinteiro construiu uma espécie de barquinho, que serviria de caixão para o filho de rei. Explicou-me que sua origem não lhe permitia ser jogado ao mar envolto em um pano. Queria ser sepultado adequadamente e deveríamos lançar o **ESQUIFE** ao horizonte com água, comida, seu arpão e Yoho.

Quando todos nós já estávamos conformados com a doença de Queequeg e sabíamos que logo teríamos de fazer sua vontade, o arpoador desistiu de morrer.

— Queequeg ainda ter coisas para fazer — disse.

Num instante estava curado. Voltou a comer e a trabalhar como antes.

— Doença não matar homem, vida ser mais forte — explicou. — Só baleia ou tempestade matar homem.

Capítulo 14

SINAIS DE MAU AGOURO

Agora velejávamos pelas ilhas Bashee. Eu estava fascinado pelo Pacífico. Matávamos cachalotes como nunca e enchíamos barris e barris de óleo e de espermacete. Uma noite, deitado em minha rede e exausto pelos trabalhos do dia, pude escutar uma conversa entre Fedallah e o comandante Ahab no convés.

— Sonhei de novo, Fedallah — disse o capitão. — Vi carruagens, um caixão e vi a morte.

O homem de turbante deu uma boa gargalhada e falou:

— Esqueça as carruagens, a **PROFECIA** diz outra coisa.

— Diga, quero saber. O que mostra essa profecia, afinal? — perguntou Ahab.

— Você me verá pouco antes de morrer e depois será **ENFORCADO**.

— Enforcado? — Dessa vez foi o capitão que riu. — Então serei imortal. Não existe homem na face da terra ou do mar capaz de me levar à forca.

No dia seguinte, houve a primeira morte entre a tripulação. O marinheiro encarregado de vigiar o horizonte na primeira hora do dia escorregou do mastro e caiu no mar. Jogamos imediatamente a boia de madeira, mas, como ela havia passado muito tempo exposta ao sol, tinha encolhido. Assistimos a boia e nosso companheiro afundarem no oceano.

Uma sensação de morte invadiu o Pequod. Queequeg sugeriu que usássemos seu barquinho fúnebre como boia, em substituição à outra que



ESQUIFE: caixão ou pequena embarcação parecida com o baleeiro

PROFECIA: predição do futuro, presságio

ENFORCADO: morto por uma força





havia afundado. Em princípio, Starbuck recusou a ideia, mas acabou cedendo, pois não podíamos ficar sem uma boia. Assim, o carpinteiro construiu uma tampa para o esquife e **VEDOU** toda a lateral com **BREU**, o que o transformou numa boia **INSUBMERGÍVEL**. Agora carregávamos o que era para ser o caixão de Queequeg amarrado à popa do navio.

No mesmo dia, Ahab mandou o ferreiro de bordo forjar um arpão com o melhor aço trazido de Nantucket. A sensação de sangue e de morte que pairava no ar foi então **AGUÇADA** pelo estranho pedido.

— Não quero este arpão **TEMPERADO** com água! — berrou o capitão. — Qual de vocês quer dar o sangue pela baleia branca, pelo demônio branco?

Como Tashtego, Daggoo e Queequeg se ofereceram, Ahab feriu-lhes o braço e temperou o aço com sangue de arpoador. A tripulação assistiu aos **DESVARIOS** do comandante sabendo que aquele era o arpão para Moby Dick e sentindo, pela primeira vez, medo de que sua loucura tomasse conta de todos.

Capítulo 15 O RAQUEL SEM UM FILHO

Deslizávamos tranquilos pelas águas do Pacífico quando avistamos o Raquel, mais um baleeiro de Nantucket. Antes que o capitão Ahab pudesse encontrar o megafone, vimos o comandante Gardiner, um homem barbudo, com aspecto cansado, baixar seu baleeiro e subir a bordo do Pequod. Tinha o olhar preocupado e a voz ansiosa:

— Viram um baleeiro perdido? — perguntou, assim que chegou.







— Viram Moby Dick? — perguntou Ahab, não tendo prestado a menor atenção à aflição do outro comandante.

— Sim, nós a vimos ontem. Estávamos rebocando três cachalotes quando ela surgiu, nadou violentamente entre os barcos e acabou arrastando um dos baleeiros que conseguiu arpoá-la.

— Meu Deus! — exclamou Ahab. — Ela está morta?

— Não sabemos, tentamos encontrar o baleeiro que a arpoou, mas não temos nem sinal dela desde ontem à tarde. Passamos a noite procurando-a.

Com os olhos baixos e a voz abafada, pediu ao comandante do Pequod:

-  **VEDOU**: tapou
-  **BREU**: substância negra feita a partir do carvão
-  **INSUBMERGÍVEL**: que não se pode submergir, afundar
-  **AGUÇADA**: estimulada, incentivada
-  **TEMPERADO**: misturado
-  **DESVARIO**: loucura

— Ajude-nos a procurar o baleeiro, capitão. Meu filho está nele, meu próprio filho de 12 anos. Juntos poderemos percorrer uma área maior. Por favor!

Ahab pensou por alguns segundos e respondeu:

— Infelizmente, não posso me desviar dos meus caminhos, capitão Gardiner. Não posso ajudá-lo.

O aspecto de espanto que se apoderou do comandante do Raquel foi o mesmo que surgiu no rosto de Starbuck quando recebeu a ordem de partir em três minutos. Ajudar outro barco no mar, quando este precisa de auxílio, é uma lei entre os marinheiros. O capitão Gardiner voltou à sua embarcação dizendo:

— Deus os acompanhem.

A tripulação agora passava os dias de cara fechada, lidando com seus afazeres. Todos já haviam percebido que o capitão não tinha **ESCRÚPULOS** e percebiam que o Pequod seguiria seu destino, qualquer que ele fosse.

Passaram-se quatro dias e nenhum cachalote fora avistado. Moby Dick permanecia escondida em algum canto do mar. Não sabíamos se tínhamos conseguido encurralá-la ou se era ela que nos arrastava para um local afastado a fim de nos matar.

Capítulo 16

O OUTRO LADO DE AHAB

O dia amanheceu muito claro. O sol começava a aparecer no horizonte como uma bola vermelha em chamas. Estávamos, finalmente, na estação-da-linha. Foi nesse **CENÁRIO** que Starbuck encontrou o capitão na amurada do navio. Aproximou-se e colocou a mão no ombro do comandante; sabia que alguma coisa estava acontecendo. Certificou-se disso quando viu uma lágrima escorrendo pelo rosto de Ahab, uma lágrima pesada e rápida, que parecia **DESOPILAR** o peito do velho homem.

— Comandante... — disse Starbuck.

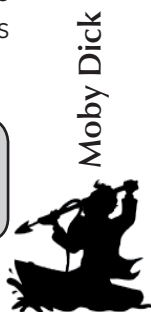
— Meu caro imediato, que bom que está aqui ao meu lado! Estava pensando no dia em que cacei minha primeira baleia. Foi há 40 anos, num dia como este. Desde os 18 anos, quando me tornei um caçador de baleias, passei a viver no mar. Será por isso que me tornei um velho destruído como estou hoje? Será que a comida seca e salgada que comi esses anos todos, privando-me de ingerir frutas maduras, leite e pão frescos como os homens do porto, me deixou também com a alma salgada?



ESCRÚPULO: sentimento de remorso ou senso moral

CENÁRIO: cena, paisagem

DESOPILAR: desafogar, desobstruir





Ahab deu um longo suspiro e continuou:

— Sabe, Starbuck, tenho mulher e um filho me esperando. As pessoas pensam que enlouqueci e até eu mesmo acredito que estou louco, mas quando olho no fundo dos seus olhos, Starbuck, percebo que existe paz neste mundo. Não sou como pensam, sou um homem bom. Olhe, Starbuck, preciso matar Moby Dick, mas não quero que vá comigo. É uma obrigação minha. Quero que fique cuidando do navio quando eu sair para enfrentar o monstro.

— Capitão, eu também sou casado; tenho um menino pequeno. Vamos voltar para Nantucket. Lá é nosso lugar. Vamos acabar com esta história de baleia branca.

Nesse momento, Ahab já havia desviado dos olhos de Starbuck e começava a falar sozinho:

— Não temos controle sobre nada. Não mandamos no sol, nas marés, nos pássaros, em nada. Nosso destino está traçado.

Starbuck se afastou ao ver Fedallah se aproximando da amurada onde estavam. Ahab levou um susto ao se deparar com os olhos de Fedallah refletidos na água calma do mar. Parecia estar sendo vigiado por aquele homem de turbante, que, a todo momento, relembra ao capitão que a profecia estava escrita.

Capítulo 17 FINALMENTE, O GRANDE ENCONTRO



No início da tarde do mesmo dia, Ahab começou a ficar impaciente.

— Posso sentir o cheiro. Há cachalotes por perto — disse à tripulação. Ansioso, improvisou um cesto preso ao mastro, subiu nele e pediu que o içassem.

— Eu mesmo vou avistar Moby Dick e a moeda de ouro será minha — gritou para que todos escutassem.

Desconfiava de que os marinheiros estavam com medo. Talvez Moby Dick já estivesse por perto e os homens de plantão não tivessem dado o sinal. Parecendo adivinhar sua sorte, logo que a cesta chegou ao topo do mastro soltou um berro que saiu da parte mais profunda de suas **ENTRANHAS**:

— É ela!!! A grande baleia branca! O monstro está soprando! Baleeiros ao mar! Sua voz **ECOOU** a metros de distância e, em cerca de minutos, três baleeiros remavam em direção ao fantasma dos mares. Depois de ter descido do mastro e antes de partir para enfrentar o cachalote, Ahab entregou o navio a Starbuck.

-  **ENTRANHA:** profundidade, interior de seu coração; alma (figurativo)
-  **ECOOU:** ressoou, repercutiu

— Capitão, por favor, não vá. Lembre-se da conversa que tivemos. Não há motivo para esta vingança — pediu o imediato.

— Starbuck, cuide do Pequod. Hoje à noite Moby Dick estará presa a este casco — disse Ahab, **IGNORANDO** as **SÚPLICAS** do oficial.

Starbuck e o comandante apertaram as mãos com força, **CONSCIENTES** da grande batalha que tinham pela frente. As baleeiras se aproximaram com cuidado, pois os oficiais conheciam a inteligência demoníaca de Moby Dick. Todo cuidado era pouco para não assustá-la.

Em questão de minutos, a luta começou. Moby Dick afundara ao pressentir a aproximação dos barcos. Os marujos levantaram os remos e a água ficou parada, quase sem ondulação. De repente, Ahab ordenou aos seus marinheiros:

— Remem!!!

Quase na mesma hora, o cachalote saltou para onde estava o baleeiro. Não conseguira virá-lo na primeira tentativa e isso a deixou furiosa. Nadava desordenadamente entre os barcos, fazendo parecer que estávamos em meio a uma tempestade no mar.

O grande monstro branco era de fato horroroso. Seu rosto e focinho eram terrivelmente enrugados, seus olhos assustadores pareciam mirar para todos os lados, como se enfeitiçassem cada marinheiro que se aproximasse dela, invadindo-o de **PÂNICO**. O couro da baleia carregava muitos ferros retorcidos e cordas de arpões que se soltaram, além de inúmeras **CICATRIZES** feitas por facas e lanças.

O segundo golpe foi ainda mais violento. Por descuido nosso, Moby Dick se aproximou demais das embarcações. Mergulhou e subiu à tona em segundos, depois bateu a cauda bem ao lado do baleeiro de Ahab. Três homens caíram no mar: dois remadores e Fedallah, que era o arpoador. Apenas um remador conseguiu ser resgatado, o outro foi arrastado para longe, enquanto Fedallah permanecia desaparecido.

Ahab não desistiu, tomou o local de Fedallah na proa e cravou com toda a força o arpão afiado no couro do monstro.

— Este arpão agora será temperado com o seu sangue, maldita! — gritou.

Queequeg e Tashtego, que estavam no baleeiro de Stubb, também conseguiram arpoá-la. Moby Dick saiu nadando em disparada, contorcida pela dor, mas a força e a monstruosidade do seu corpo acabaram por arrebentar as

- 🐳 **IGNORANDO:** não dando atenção
- 🐳 **SÚPLICA:** pedido
- 🐳 **CONSCIENTE:** agindo com consciência
- 🐳 **PÂNICO:** medo, pavor
- 🐳 **CICATRIZ:** marca deixada na pele ou no couro





três cordas presas aos arpões. Como se quisesse provocá-los, a baleia voltou ao local dos barcos, fazendo uma enorme curva no ar antes de mergulhar entre os três baleeiros.

Ao ver o arco formado pelo animal no ar, um grito de pavor saiu da boca de todos os marinheiros. Fedallah, morto, ia amarrado entre as diversas cordas presas ao lombo de Moby Dick. O turbante já não estava lá, liberando uma cabeleira crespa que se estendia até os ombros. Os olhos esbugalhados miravam o capitão Ahab.


— Ninguém pula na água. Acerto com meu arpão o primeiro que fugir desta luta — disse o comandante. — Está certo que Fedallah disse que eu o veria antes da minha morte, mas, segundo a profecia desse infeliz, eu morreria enforcado. Não vejo nenhuma força aqui, vocês veem? Estamos matando uma baleia, a pior delas, e não sendo julgados!

Assustados, os homens obedeceram e continuaram a procurar os olhos de Moby Dick. Em pouco tempo, a baleia surgiu novamente. Desta vez não esperou ser atacada. Com um movimento certo, provocou um redemoinho no mar, conduzindo para o meio dele os baleeiros de Flask e Stubb. Starbuck, assistindo a tudo do navio, **INFLOU** as velas e partiu para ajudar seus companheiros. Conseguiu resgatar vários homens, inclusive Queequeg e Tashtego.

Ao ver o casco negro do Pequod se aproximando, o cachalote deve tê-lo associado a vários outros cascos de navio, embarcações inimigas que lhe arpoaram o couro e o feriram cruelmente. Num ataque de vingança, Moby Dick nadou de encontro ao Pequod, chocando-se violentamente contra o madeirame. Starbuck não conseguiu desviar e um **ROMBO** se abriu na proa, espalhando tábuas para todos os lados e enchendo lentamente o navio de água.

Ahab agora queria vingar não só ele, mas também toda a sua tripulação, que afundava lentamente no oceano. Conduziu seu baleeiro para perto do fantasma branco e arpoou seu couro com tanta vontade, que acabou escorregando e perdendo sua perna postiça. A corda do arpão foi puxada pelo cachalote, mas, antes de ser completamente esticada, prendeu-se no pescoço do capitão, estrangulando-o. Moby Dick deixou o local como se estivesse com a sensação do dever cumprido.

Assim que o Pequod afundou, a água do mar formou um enorme redemoinho, engolindo tudo o que havia ao redor, inclusive os poucos sobreviventes da baleeira de Ahab. Em seguida, o mar ficou liso, como se não houvesse nenhum sinal da luta sangrenta que acabara de ser travada no local.

 **INFLOU:** encheu de ar

 **ROMBO:** buraco

Capítulo 18

EPÍLOGO

A tragédia chegou ao fim, a profecia de Fedallah se cumpriu e vocês devem estar se perguntando de que modo eu, Ismael, pude lhes contar toda essa história.

Sou o único sobrevivente do naufrágio do Pequod. Por sorte, quando o capitão ordenou que Starbuck ficasse no navio, sua tripulação foi reorganizada entre os barcos e eu fui escalado para a baleeira de Ahab. Quando Moby Dick pegou Fedallah e derrubou mais dois remadores na água, eu fui o que não consegui ser resgatado. O mar me afastou do local da luta e tudo o que eu pude fazer foi assistir à batalha de longe.

Quando o redemoinho causado pelo afundamento do Pequod sugou todos nós, tive sorte novamente. Como estava longe, peguei o final do turbilhão. Depois de afundar, consegui nadar para o alto e subir à superfície, respirando finalmente. Em pouco tempo, escutei um barulho e avistei o esquife de Queequeg, aquele que havia sido transformado em boia, saindo do redemoinho e vindo aparecer próximo de mim.

Subi no caixão do meu amigo e fiquei à deriva durante um dia e uma noite. No final da tarde do dia seguinte, avistei um navio na linha do horizonte. Era o Raquel, comandado pelo capitão Gardiner. Na busca **INFRUTÍFERA** pelo baleeiro do seu filho, acabou resgatando outro **ÓRFÃO**...



INFRUTÍFERA: inútil, que não dá resultado



ÓRFÃO: que perdeu um protetor, desamparado, abandonado



ROTEIRO DE LEITURA

- 1) Você gosta do mar? O que acha da profissão de marinheiro?
- 2) Qual seria uma vantagem da vida no mar? E uma desvantagem?
- 3) Por quais razões o capitão Ahab levou a tripulação do Pequod ao mar? Você considera justo o propósito da viagem?
- 4) De que modo um único homem conseguiu convencer uma tripulação quase inteira a se vingar por ele?
- 5) O que você acha dos argumentos de Starbuck contra Ahab?
- 6) Na época em que se passa esta história, matar baleias era uma atividade normal. Hoje é permitido matar baleias? Faça uma consulta aos órgãos de defesa do meio ambiente e descubra.
- 7) Como era fabricado o óleo de baleia?
- 8) O óleo de baleia era utilizado como combustível. E hoje, ainda utilizamos o óleo de baleia? Ele é fabricado da mesma forma?
- 9) Faça um mapa do mundo em papel vegetal marcando os caminhos percorridos pelo Pequod. Peça ajuda ao(à) professor(a) de geografia.
- 10) Como Queequeg vê a morte? Você concorda com ele?
- 11) Se você fosse o capitão Ahab, teria coragem de negar ajuda ao capitão do navio Raquel, que procurava seu filho no mar?
- 12) Descreva Moby Dick. Quais características da baleia poderiam ser comparadas com as características do próprio mar?
- 13) O que você acha de Moby Dick? Ela é mesmo um monstro ou apenas um animal irracional, que ataca por instinto de sobrevivência?
- 14) Por que as duas estalagens em que Ismael dormiu, a Estalagem da Baleia, do senhor Coffin, e a Try Pots foram sinais de que o destino do Pequod já estava traçado?
- 15) Quais foram os outros sinais que indicavam o final trágico da história?
- 16) Durante a leitura do livro, você acreditava que o Pequod iria voltar para Nantucket? Por quê? Por que não?
- 17) Com qual personagem você se identificou mais?
- 18) A imagem que você fazia (ou conhecia) de uma vida no mar mudou depois de ler o livro?
- 19) Faça um trabalho descrevendo e desenhando os tipos de baleia que você conheceu neste livro. Peça ao(à) professor(a) de ciências para ele(a) falar um pouco sobre esses mamíferos gigantes.
- 20) Você gostou do final da história? Se você fosse o escritor, o que aconteceria com Moby Dick? Por que você acha que a baleia obteve sucesso contra os pescadores? Discuta essas ideias com seus colegas.



MOBY DICK

Herman Melville

BIOGRAFIA DO AUTOR

Herman Melville nasceu na cidade de Nova York, em 1819. Teve uma infância feliz, mas, aos 13 anos, seu pai sofreu sérios problemas financeiros e Melville precisou começar a trabalhar. Trabalhou como bancário, vendedor e professor numa pequena escola. Aos 20 anos, embarcou no navio St. Lawrence para Liverpool, na Inglaterra, onde trabalhou como mensageiro. Nessa época, Melville se apaixonou pelo mar e, em 1841, embarcou no navio baleeiro Acushnet, que saiu do porto de New Bedford para uma viagem de 18 meses. Essa viagem lhe proporcionou viver muitas aventuras, que acabaram sendo descritas no romance *Moby Dick*, publicado em 1851 e considerado um dos grandes livros do século XIX.

Quando o Acushnet atracou nas ilhas Marquesas, Melville desembarcou e acabou sendo preso pela tribo dos taipis, que eram canibais. Passou dois meses com os selvagens, mas conseguiu fugir e embarcar em um outro navio baleeiro, o Lucy Ann. Mais tarde, escreveu um livro sobre essa aventura chamado *Taiipi*.

Casou-se em 1847 e mudou-se para uma fazenda em Massachusetts com a esposa, em 1850, onde viveu durante 13 anos. Nessa época, ficou amigo do escritor americano Nathaniel Hawthorne, a quem dedicou *Moby Dick*. No final da Guerra Civil Americana (1861-1865), voltou a morar em Nova York.

Morreu em 1891 e deixou alguns manuscritos inacabados, que só foram encontrados por volta de 1920, quando editores norte-americanos mostraram um maior interesse pela obra de Melville. O livro *Moby Dick*, com a busca obsessiva do capitão Ahab pela baleia branca, uma criatura tão vasta e perigosa quanto o mar, continua sendo um dos grandes feitos da história da literatura.

